UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO (CEDUC II)
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARCILON RODRIGUES BRITO

A VIDA IMITANDO A ARTE: UM DIÁLOGO ENTRE AS OBRAS QUARTO DE DESPEJO E O CORTIÇO

Campina Grande-PB
2012

MARCILON RODRIGUES BRITO

A VIDA IMITANDO A ARTE: UM DIÁLOGO ENTRE AS OBRAS QUARTO DE DESPEJO E O CORTIÇO

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Adalberto T. Rodrigues

Campina Grande – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

B862v Brito, Marcilon Rodrigues.

A vida imitando a arte [manuscrito]: um diálogo entre as obras quarto de despejo e o cortiço / Marcilon Rodrigues Brito. – 2012.

22 f.: il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguêsa) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

"Orientação: Prof. Me. Adalberto Teixeira Rodrigues, Departamento de Letras e Artes"

1. Ficção 2. Diálogo 3. Romance I. Titulo

21. ed. CDD 808.83

MARCILON RODRIGUES BRITO

A VIDA IMITANDO A ARTE: UM DIÁLOGO ENTRE AS OBRAS "QUARTO DE DESPEJO" E "O CORTIÇO"

Aprovado em 04 de Junho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Adalberto Teixeira Rodrigues Nota 8.0

Profº Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues / UEPB
Orientador

Andreia Bezerra de Lima Nota 8.0

Profª Ms. Andreia Bezerra de Lima / UEPB
1º Examinadora

Ricardo Soares da Silva Nota 8,0

Profº Dr. Ricardo Soares da Silva / UEPB
2º Examinador

Média 8.0

A VIDA IMITANDO A ARTE: UM DIÁLOGO ENTRE AS OBRAS QUARTO DE DESPEJO E O CORTIÇO

BRITO, Marcilon Rodrigues[1]

Resumo

O propósito desse artigo é discutir as possíveis relações existentes entre as obras, *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e *O Cortiço*, de Aluisio Azevedo. Procuramos as semelhanças entre essas duas obras, visto que, hipoteticamente seria possível que a autora da narrativa, *Quarto de Despejo*, tenha de certa maneira, folheado a obra naturalista de Aluisio Azevedo, pois no seu diário ela relata que tinha muitos livros e que seu maior prazer, em meio a tanta diversidade era a leitura. Isso é possível observarmos quando lemos o seu romance, pois, imageticamente nos remetemos ao universo ficcional retratado pelo autor de "*O Cortiço*". Partimos do princípio de que na obra "*Quarto de Despejo*" é evidente um retrato de uma realidade, vista e narrada de forma simples, nas páginas de um diário. Por outro lado, nos transportamo-nos a outra época totalmente distante daquela retratada, encontrada no universo ficcional dentro do romance de Azevedo. Isso nos inquieta e nos leva a investigar, nos transportando entre esses dois universos, e mostrando que esses romances se aproximam e dialogam em suas descrições de fatos e personagens. A análise será feita através da observação dos momentos narrados e na descrição feita pelos autores, elencando tais vertentes aos conceitos de teóricos que verbalizam sobre o ato de análise entre obras afins. Podemos ver que as duas obras se fundem também pela sua textualidade e fontes históricas, como também pela sua minuciosidade narrada, tanto do universo real às margens do rio Tietê, encontrado no romance *Quarto de Despejo*, deslocando-se ao ficcional dentro da sociedade marginalizada carioca em meados do século XIX, visto no panorama de "*O Cortiço*" com suas formações urbanas desordenadas da época. Percebemos que, tais obras analisadas trazem uma realidade social, vista a olhos artísticos e ampliados, em relatos de quem observou e testemunhou os acontecimentos, a outro que observou e estudou uma classe marginalizada, colocando em ênfase seus maiores defeitos e patologias. Essas visões acerca dos dois universos explicitados permitem que novas leituras sejam possíveis de se fazer, ampliando, assim, os estudos de outros pesquisadores que podem vir a desvendar outras singularidades, tanto nos acontecimentos narrados nos ambientes relatados, quanto na figura de alguns personagens que compõem os dois romances.

PALAVRAS-CHAVE: Azevedo. Diálogo. Ficção. Quarto de despejo. O cortiço.

[1] Graduando da Universidade Estadual da Paraíba, curso de Letras, habilitação em Língua Portuguesa.
E-mail: marcilonrod@gmail.com

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar las posibles relaciones existentes entre las obras *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus y *O Cortiço*, de Aluisio Azevedo. Buscaremos analogias existentes entre las obras, visto que hipoteticamente seria posible que La autora de La narrativa *Quarto de Despejo*, atentamente, tenga hojeado La obra naturalista de Aluisio Azevedo, pues em su diário ella relata que tiene muchos libros y que su mayor placer, entre otras cosas, es la lectura. Al leer su novela, ilusoriamente nos transportamos al universo fictício retratado por El autor de *O Cortiço*. Partimos Del princípio que en la obra *Quarto de Despejo* está claro la muestra de uma realidad narrada de forma sencilla en las páginas de un diário. Por outro lado, nos transladamos a outra época totalmente lejana de aquella retratada y encontrada en el universo fictício de la novela de Aluisio Azevedo. E so nos mueve a investigar hasta que punto esas novelas se aproximan y dialogan em lo que dice respecto a las descripiciones de hechos y personajes. Creemos que la dos obras se unificam por la textualidade y fuentes históricas, como también por las particularidades de la narración, tanto en El universo real a las márgenes del rio Tietê, encontrado em La novela *Quarto de Despejo*, cuanto en El universo fictício de la marginalizada sociedad carioca, en meados del siglo XIX, como vemos em la obra *O Cortiço* que relata las desordenadas formaciones urbanas de la época. Tales obras analizadas muestran uma realidad social, contada por quien vivenció, observou y estudio los acontecimientos de uma clase marginalizada, dando enfasis a los defectos y patologias de la sociedad, las dos visiones explicitadas permiten que se hagan lecturas, ampliando de forma majestosa los estudios de cada pesquisidor, que pueden desvendar otras peculiaridades, tanto em los acontecimientos narrados, cuanto em la figura de cada personaje que componen las dos novelas.

PALABRAS CLAVE: Analogia. Dialogo. Ficción. Obras.

1. Introdução

Muitas obras literárias ganham destaques por inúmeros motivos, um deles, é a crítica social que sempre vem denunciando moldes existentes em algumas classes, e que servem como modelo para visualizar as demais. A obra intitulada "*O Cortiço* (1890)" de Aluisio Azevedo é sem dúvida, a obra prima do autor, que vem retratar de forma ficcional e crítica o mundo de um cortiço, talvez com uma dose de preocupação social, ou até mais que isso, nós podemos encontrar no romance uma visão coletiva que traça um retrato implacável e ampliado da sordidez e dos vícios humanos, aglomerados em um só lugar. Entendemos claramente que o próprio "Cortiço" se configura como o personagem principal do romance. Vemos que na obra aparecem alguns personagens que se destacam pelo seu relacionamento como figura representativa do social e suas entidades humanas esteriotipadas.

Na obra, temos um variado leque de personagens secundários, que vai apresentar no início da narrativa uma simples e inocente "Pombinha", mas, que no decorrer da obra adquire nova personalidade totalmente que contraria a sua apresentação, à experiente e sensual "Rita Baiana", uma mulata provocante que muda o destino de um homem, dominado pelos seus apelos sensuais.

No que se diz respeito a uma análise de diálogos, vamos encontrar em meados de 1955 uma obra que vai além do universo ficcional, e traz para o leitor uma espécie de realidade desnuda e crua, não diferente da obra ficcional do autor Aluisio Azevedo. *Quarto de Despejo,* de Carolina Maria de Jesus, autora negra, que traz em seu romance, escrito como diário, uma literatura verdade, o cotidiano cruel de uma favela às margens do Rio Tietê, e especialmente à vida autobiográfica da autora e suas lamúrias contrastando com sua poesia, de uma vida marcada pela crueldade de um destino velado ao sofrimento, num mundo de sentimentos e emoções que a "Catadora de Papel" consegue transmitir de maneira simples e realista.

A obra *Quarto de Despejo* vem a ser uma espécie de fontes e influências da obra Naturalista O C*ortiço*, pois quando a colocamos em evidência, notamos de maneira imagética traços bastante familiares da obra fictícia, que nos instiga a refletir até que ponto uma intertextualidade, partindo do universo real pode configurar-se dentro de uma ficcionalidade tão visível e social, que foi a obra de Aluisio Azevedo.

Nesse contexto, buscamos de forma atenciosa um diálogo de imagens, fatos e ações que se assemelham nas obras citadas, uma vez que depois da leitura desses romances, vemos em ambos um leque de possibilidades de influência dos fatos e dos personagens, equiparados

talvez de forma proposital, ou, de pura e mera semelhança, devido aos dois romances serem um reflexo da vida real em nossa sociedade.

Podemos nesse sentido, ressaltar que mais uma vez não é a arte que imita a vida, mas nesse caso seria a vida, a realidade que vem a imitar a arte, o universo ficcional da obra naturalista de Aluisio Azevedo.

Refletindo sobre esses pontos, o presente artigo ressalta sobre algumas questões que foram analisadas, a partir de então, como norteadores desta pesquisa; será que a autora "favelada" da obra *Quarto de Despejo*, chegou a folhear o romance naturalista de Aluisio Azevedo, e viu o seu universo real semelhante ao do universo ficcional do autor? Que de certa forma também era um reflexo da realidade da época. E ainda até que ponto algumas descrições de personagens se assemelham aos citados na obra *O Cortiço*? E algumas semelhanças podem realmente ser equiparadas, no que diz respeito às cenas protagonizadas por algumas dessas personagens? Podemos responder pelo menos superficialmente que essas hipóteses são possíveis, pois a autora no seu diário relata que buscava em suas folgas diárias a leitura, e que apreciava em casa vários livros, e ainda ressalta que "a maior invenção do homem foi o livro".

Com isso, podemos ressaltar que, propor um trabalho de análise comparativa de fatos e descrições pode favorecer ao leitor das obras, uma reflexão de todo o universo histórico e cultural das datas e semelhanças retratadas, como também no comportamento evolutivo da sociedade de ontem e de hoje, e as possíveis influências obtidas na escrita devido a outras leituras.

Queremos a partir desses pontos, construir o horizonte de expectativa do leitor, que busca nas obras literárias a reflexão e o fascínio de viver e reviver em épocas distintas, e sua evolução no ato de perceber e interpretar o universo literário com inúmeras leituras e observações.

Assim, nosso estudo justifica-se pela capacidade que o leitor adquire em analisar o universo real dentro da esfera fictícia das inúmeras literaturas, que de uma forma ou de outra tenta e até consegue imitar a vida, e instruir o leitor a escapar e refletir sobre determinadas situações, bem como mostrar as intenções que o universo artístico pode proporcionar, fazendo com que o leitor-receptor analise sua realidade, contribuindo para se questionar sobre a colocação de alguns personagens reais da nossa vida.

Para a viabilização deste trabalho tomamos como base, as duas obras já citadas, como também algumas citações de teóricos renomados, quando buscam a melhor compreensão de diálogos entre obras.

No que se refere à perspectiva teórica adotada, tomamos como base (CANDIDO, 1967), o autor preza por uma análise sistemática nas obras literárias, o que importa é uma abordagem que encare a obra como um conjunto de fatores sociais que atuem sobre a formação da mesma, além da influência que ela exerce no meio social. (SOUZA e MIRANDA, 1997), que vem a discutir a natureza da crítica literária se baseando na comparação exclusiva entre duas culturas, ou duas linhas de pensamento entre dois ou mais autores, sempre mantendo a natureza dos termos comparados. (CARVALHAL, 1986), teorizando sobre o procedimento de comparar, fazendo parte da estrutura do pensamento do homem e da organização da cultura, comparando não pelo procedimento em si, mas como recurso analítico e interpretativo, mostrando que o texto é uma absorção e réplica a outro texto, ou vários outros, uma espécie de diálogo entre os textos, por semelhanças em alguns pontos.

Incitando-nos para posteriores diálogos, podemos observar em duas cenas abaixo descritas que, a narradora do *Quarto de Despejo*, Carolina de Jesus escreve em seu diário uma cena de briga na favela, de forma resumida e direta. "[...] hoje brigaram aqui na favela... brigaram... a briga foi com uns baianos que só falavam em peixeiras... [...]" (JESUS 1960, p. 47) por outro lado, Aluisio Azevedo na sua obra atribui-se de uma linguagem mais descritiva dos fatos e das personagens, com mais exatidão e perfeição os acontecimentos descritos, contando-os detalhadamente. Temos uma impressão que hipoteticamente, seria como se a autora Carolina estivesse presente na hora que ocorreu a briga no cortiço ou que apenas soube do acontecido, por alguém que ali presenciou o ocorrido, claro que seria impossível, uma vez que ambas as cenas acontecem em épocas distintas, sendo uma retratada no diário, e outra no enredo fictício naturalista vejamos a cena narrada pelo autor do cortiço:

> "[...] mas o capoeira Firmo, baiano mulato, deu para trás um salto de gato e o português sentiu um pontapé nos queixos... [...] e então o mulato, com o rosto banhado de sangue, refilando as presas e espumando de cólera, erguera o braço direito, onde se viu cintilar a lâmina de uma navalha... [...]". (AZEVEDO 1979, p. 97/8)

Nas duas cenas descritas, vemos os autores narrarem de maneira diferenciada, mas para o leitor que conhece a obra naturalista, logo, em um universo de diálogo vai perceber uma influência no depoimento da autora, no que diz respeito aos personagens que participam da confusão. Isso nos faz apreciarmos cada vez mais outras cenas que surgiram ao decorrer da pesquisa.

Para melhor compreensão dos fatos abordados no que diz respeito ao molde social das duas épocas, apresentamos a seguir um breve momento histórico baseado nas duas obras em

análise e algumas concepções teóricas fundamentais que sustentam a análise comparativa entre elas, e suas possíveis realizações de amplitude a semelhanças. Como também informações de cunho analítico sobre o papel de investigar possíveis entrelaçamentos entre dois romances e suas realizações na esfera literária.

2. Períodos históricos nas duas obras:

2.1 O Cortiço

Presença marcante foi a ciência e a industrialização na vida cotidiana das pessoas, fazendo com isso, o surgimento de novos desafios principalmente para os escritores do século XIX. Em meio a esses adventos, surgiu no fim desse século o romance naturalista, que pela primeira vez vem apresentar protagonistas que representam as classes menos favorecidas da nossa sociedade.

> Faz-se a defesa de uma arte participante e reformista. Os escritores naturalistas brasileiros, entretanto, com raras exceções, em vez de se dedicarem ao estudo de grupos humanos, que refletiam melhor a problemática social do Brasil, detiveram-se mais em casos individuais de temperamento patológico. Desse modo, fatos históricos e sociais de maior relevância, ganham destaque na realidade brasileira. (CEREJA, MAGALHÂES, 1995, p.123).

Esse tipo de romance surgiu na Europa especificamente a partir da segunda metade do Século XIX, notadamente, o ambiente social vinha sofrendo mudanças, principalmente com o fortalecimento da burguesia industrial e materialista, com isso a Europa se encontrava num avanço científico muito significativo. Em 1859, surge o livro "*A origem das espécies*", de Charlie Darwin, causando algumas revoltas a setores conservadores.

Em 1880, o Brasil não vivia o processo de industrialização, ao contrário do que acontecia na Europa. A sociedade brasileira enfrentava mudanças marcantes em todas as esferas sociais e políticas, e na observação e reflexão de tentar entender a nova realidade, surge na literatura, romances que retratam de forma crítica, temas sociais. Foi nessa época que estava para acontecer a Nova Constituição, mudando assim, a forma de governo. No campo trabalhista vamos encontrar a substituição do trabalho escravo pelo assalariado, consequentemente acontece a modernização das lavouras cafeeiras, e drasticamente o aumento populacional nas cidades devido também a industrialização.

Com o aumento populacional nas cidades, naturalmente foi visto em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais um grande fluxo de imigrantes em busca de novos empregos, só que nem todos conseguiam, e assim foram surgindo imensas favelas e aglomerações de mendigos e pedintes.

Foi nesse período histórico de transformações sociais que surgiu a obra "*O Cortiço"* de Aluisio Azevedo*,* mostrando para o leitor um retrato fiel e observador de uma realidade brasileira, vista de forma panorâmica. Desse modo, fatos históricos e sociais são de suma influência para a obra naturalista, alguns desses fatos foram: A Abolição, A República, A Revolta da Armada, O Encilhamento entre outros. O autor procura traçar de forma fiel um painel dessa sociedade brasileira de sua época, buscando o fatalismo operante, que vem atuar sobre o homem, a natureza, o ambiente social e seus instintos que geram conflitos e acentuam as patologias humanas.

O homem é visto como um "caso" um "objeto" a ser estudado cientificamente. O autor procura assumir uma atitude de frieza diante das personagens, procurando de maneira minuciosa e impessoal registrar aspectos da realidade. O que Aluisio Azevedo procura traçar com detalhes em sua obra, a autora Carolina de Jesus*,* concisamente*,* destaca com perfeição a historia de uma vida, sendo mais que uma narradora, e sim uma personagem protagonista que se destaca na sua narrativa, de forma peculiar e simples.

2.2. Quarto de Despejo

> Em uma favela à beira do Rio Tietê, no bairro do Canindé (SP), Carolina Maria de Jesus registrava em cadernos a história de uma mulher brasileira, negra e favelada, que lutava para sobreviver e sustentar a família. Sua voz no livro "Quarto de Despejo" ecoa de modo forte e sincero a realidade daqueles que enfrentam os obstáculos impostos por uma sociedade cruel e egoísta. (ABAURRE, 2008, p. 204).

No período de 1950 à 1959 surge uma autora de escrita singular, que, de maneira única, vem ser reconhecida por sua obra, publicada em 1960. E junto com ela uma série de denúncias sobre a realidade de muitos brasileiros, principalmente dentro de uma favela. "*Quarto de Despejo*" é o titulo da obra, que traz no próprio nome o retrato de uma parte marginalizada do nosso país. A década intitulada "Anos Dourados" no Brasil estava repleta de acontecimentos marcantes como: Copa do Mundo de 50, transição entre o período de guerra, Juscelino Kubstichek chega ao poder, chegada da televisão, algumas revoluções tecnológicas

no Brasil e na Europa, fundação da cidade de Brasília. Essa época ficou conhecida como a "Idade de Ouro" no cinema e de grandes descobertas científicas.

Só que nem tudo é ouro, e existem partes do metal que obscurece, esse era o fato que recorria nas páginas do diário de Carolina de Jesus, a autora negra, catadora de papel, já sem esperanças de vida, e de como criar seus filhos, busca nos livros uma maneira de esquecer a realidade que a cerca transportando-se para o mundo ficcional dos romances, que lia, encontrando-os, em um lixo ou outro, os quais, ela os guardava no seu barraco. Momentos esses quase impossíveis, pois na realidade se viam e ouviam quatro barrigas gemendo de fome.

Era assim que vivia nessa "época de ouro" no Brasil, nos confins de um mundo esquecido dos favelados. Alguém escrevia, e por sinal escrevia muito, um pouco de poesia crua a nua, relatos de uma vida de agruras e desgraças que a sociedade fechava os olhos para não enxergar, preocupadas apenas com a política, deixando de lado uma parcela da população que vivia como lixo e para o lixo.

3. O Universo comparativo de obras e algumas teorias

A ideia de comparar obras trouxe para o Brasil uma nova perspectiva no que se concerne ao universo de estudos, visando semelhanças ou divergências entre obras, inicialmente, devido a influência que a metrópole tinha com a colônia, perdurando durante várias décadas.

Segundo (SOUZA e MIRANDA, 1997), a natureza da crítica se baseia na comparação exclusiva entre duas culturas, ou duas linhas de pensamento entre dois ou mais autores, mantendo a hierarquização dos termos comparados.

Podemos ressaltar que os estudos referentes à literatura comparada vêm a se intensificar no Brasil, principalmente em meados dos anos de 1962, trazendo um amplo nível de conhecimento acerca do assunto, como também uma vasta ampliação das ideias de pesquisas e domínios afins. No Brasil, hoje, com a diversidade e a facilidade de se encontrar inúmeras obras, como também autores para todos os estilos, o trabalho com literatura comparada se tornou uma obrigatoriedade nos centros acadêmicos como disciplina, e diga-se de passagem, muito eficaz para ser aplicada em diversos níveis em sala de aula. Principalmente quando nos referimos à literatura nacional, pois temos um grande acervo de obras riquíssimas que podem ser comparadas e estudadas nessa veia de diálogos afins. Como afirma Antônio Candido

(1967, p.123) “estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada” principalmente se formos buscar comparar a literatura nacional com outras literaturas existentes pelo mundo.

A busca por uma análise comparatista sempre foi o objetivo principal dos estudiosos em literatura, pois observamos que sempre existirão lacunas infundáveis na centralização e aparelhamento de determinadas obras. O que vemos são textos, que de uma forma ou de outra, dialogam entre si, em inúmeras circunstâncias teóricas ou autorais, numa espécie de intertextualidade que sincretizam e conversam, fazendo com que o bom pesquisador-leitor perceba de forma aparente essa tal relação. Talvez essa ideia de autocruzamento de textos faça parte do nosso universo sociocultural, uma vez que não existe um texto único e exclusivo, sempre proferimos algo que já foi visto, ou dito antes. Segundo Souza e Miranda (1997, p.28) “A conscientização da nossa dívida para com as culturas dominantes e, por outros, a superação desse débito por meio da devoração antropofágica se faz do legado cultural estrangeiro”.

A heterogeneidade existente nas diversas obras literárias transcende o entendimento de uma obra, fazendo com que o leitor adquira múltiplos olhares, uma vez que se mistura uma espécie de conhecimento prévio de outras leituras, que um leitor de primeira viagem jamais terá experiência para ver, pois a experiência literária é infinita e se conduz a várias conotações, fazendo o universo do leitor se ampliar, principalmente no entendimento e na construção dos resultados e dos múltiplos sentidos.

A literatura adquire novos conceitos e significados quando misturados aos diversos meios de comunicação e manifestações artísticas como o cinema e a televisão, ou seja, a literatura visual e digital. Com isso, podemos dizer que uma busca comparativista de uma obra de séculos atrás pode com grande valia ser comparada com uma obra moderna, sem perder seu valor histórico literário, uma vez que: “O comparativismo nunca é total entre sistemas literários e culturais distintos. As diferenças são elas próprias reescritas ou reconstituídas em todo ato de comunicação e transmissão” (SOUZA e MIRANDA 1997, p. 48).

Mostrando que os horizontes do universo comparativista entre obras são enormes e diversificados, tendendo a se expandir ainda mais, uma vez que o universo da comunicação é variável e vive num eterno processo de evolução contínua.

3.1 Analisando Algumas teorias

A intertextualidade vem para que possamos ampliar o nosso universo de pesquisa, haja vista, que a partir de alguns conceitos, elaboramos uma ideia entre determinados textos de acordo com suas semelhanças e ou diferenças. Em Sant'anna (1998) encontramos alguns conceitos teóricos a respeito do que o autor denomina de desvio entre dois textos, classificando esse tipo de desvio em: "desvio tolerável", "desvio mínimo" e "desvio total", o que segundo ele, essa aproximação ou identificação passa pela noção de semelhanças e diferenças entre duas obras.

Levando em consideração as duas obras aqui estudadas, *Quarto de Despejo* e *O Cortiço,* observamos o elo existente dentro da primeira obra que vai se assemelhar com a segunda, numa espécie de diálogo de imagens. Feitas essas aproximações, como ressalta Sant'anna (1998), sob a luz de uma teoria moderna da linguagem, a autora de *Quarto de Despejo* apresenta sua obra de maneira mais leve e simples, em relação ao clássico mundo naturalista de *O Cortiço.*

Segundo as teorias de Sant'anna (1998) é como se a autora modernamente estivesse se apoderando de forma natural do universo ficcional de *O Cortiço*, devido as suas comparações que fazia de sua vida naquele momento com a linguagem do autor Naturalista.

Na nossa literatura é muito comum encontrarmos alguns traços da chamada "apropriação" nome dado por Sant'anna (1998), quando vem a ressaltar e citar como exemplo "Oswald de Andrade no livro *Pau Brasil,* que recorta textos de Pero Vaz de Caminha e Gândavo, fazendo no seu texto uma releitura dos demais". Sant'anna (1998, p. 51).

Com esses parâmetros é capaz sim de fazer uma análise de comparações para se obter e alcançar alguns objetivos propostos pelo pesquisador. Para Carvalhal (1986, p.117) "comparar é um procedimento que faz parte da estrutura do pensamento do homem e da organização da cultura. Comparação não é um método específico, mas um procedimento mental que vem a favorecer a generalização".

No universo da comparação buscamos sempre uma resposta que venha a nos resolver, seja pela igualdade, ou pela diferenciação da estrutura ou de fatos, transformando segundo carvalhal (1986), em um meio e não em um fim. O universo literário comparativo, ganha espaço também quando falamos em diversidades culturais, pois ele não se estreita apenas nas obras, mas se estende por todo o aparelhamento da linguagem e da comunicação como cita Pellegrini:

> A literatura é um sistema ou subsistema integrante do sistema cultural mais amplo, estabelecendo diversas relações com outras artes e mídias. A diversidade de meios e a hibridação de linguagem exigem um leitor que não se prende à letra, mas esteja aberto à diversidade de suportes pelos quais a literatura circula. (PELLEGRINI 2003, p. 9).

Com toda essa diversidade de objetos culturais pelos quais podemos traçar linhas comparativistas, é bem claro que, dependendo do suporte artístico, vai se traçar uma linha básica de analogias aos estudos, pois uma coisa é comparar duas obras ou dois autores num mesmo suporte, e outra é comparar suportes diferenciados, como uma arte visual com uma obra, cada uma deve ser julgada no campo em que se insere permitindo traçar algumas questões relevantes àquele universo. Toda obra deve ser investigada em sua totalidade, pois assim teoriza o crítico literário Antonio Candido quando diz: "o estudo da função histórico-literário de uma obra só adquire pleno significado quando referido intimamente à sua estrutura, superando-se deste modo o hiato frequentemente aberto entre a investigação histórica e as orientações estéticas". (CANDIDO, 1967, p. 198).

A literatura escrita, por sua vez, nos permite de forma simples uma auto-avaliação de acontecimentos sociais e culturais, pois ela mesma tem o poder de transpassar as barreiras do tempo e do espaço, nos permitindo em sua totalidade refletir sobre o momento social que nos encontramos. Transformando uma obra que foi escrita há séculos como se fosse atual, dialogando sempre com seu público. Para Pellegrini (2003, p. 19)

> O principio formal das narrativas Realistas e Naturalistas como (O Cortiço) do século XIX, contra o qual se insurgiu a narrativa moderna repousa na noção de efeitos corrosivos do tempo, como reflexo da mecanização e trivialização de todos os aspectos da vida social e individual.

Podemos dizer literalmente que, com o tempo tudo muda de valor e de significado, principalmente a linguagem, que é um mecanismo vivo e mutável. Na literatura escrita vemos que os valores e as ideias nem sempre perduram, pois ganham novas conotações na mente de cada leitor observador, cada um, passa a construir seu universo de entendimento e reflexão sobre o mundo que o cerca. Iremos observar tanto na obra *Quarto de Despejo* como *O Cortiço,* imagens que ultrapassam os tempos, e voltamos em meados do século XIX, como também nos anos 50, e refletimos cinematograficamente nos fatos e nas ações que nos acompanham com as sucessivas leituras, como diz Pellegrini (2003):

> Os escritores realistas são autores que escreviam se utilizando de uma espécie de câmera, principalmente pelo poder de nos levar com eles para determinados lugares, como em carruagens, nos fazendo observar a qualidade e a quantidade de personagens em suas ações dentro e fora de suas casas.

Que por meio da leitura traduzimos em imagens mentais, numa troca de olhares entre o autor, o leitor, o universo da nossa realidade e o universo ficcional.

4. O diálogo existente entre "*Quarto de Despejo*" e "*O Cortiço*"

Podemos iniciar nosso diálogo entre as duas obras, sabendo um pouco sobre o significado de cada título. Como todos sabem, os títulos de obras não são escolhidos por acaso, os autores procuram de maneira simbólica ilustrar seus trabalhos com um título que representa uma síntese ainda que regrada do que vamos encontrar nas páginas da obra.

Encontramos na capa da obra de Aluisio Azevedo o nome da narrativa *O Cortiço* analisando o significado da palavra segundo, Olinto (2001), temos: Cortiço; 1. Cilindro de cortiça, dentro do qual as abelhas fabricam cera e mel. 2. Habitação coletiva das classes pobres. 3. Casa de cômodos. Já no romance diário de Carolina de Jesus, intitulado *Quarto de Despejo*, podemos conceituá-lo como denomina a própria autora: lugar onde se colocam as coisas que não se usam mais, ou coisas sem valor. Como afirma Jesus (1960, p.171):

> Quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós os pobres, que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade, nós, os pobres, somos os trastes velhos... [...].

Observamos que, a partir dos títulos apresentados vamos encontrar algumas semelhanças, pois os conceitos apresentados remetem ao mesmo significado, principalmente no conceito 2, dado por Olinto (2001), ou seja, habitação coletiva de pobres, dando o mesmo significado ao título *Quarto de Despejo*.

Ao folhear as duas obras, encontramos algumas passagens que dialogam entre si, seja nas representações metafóricas dos personagens, seja na descrição física dos ambientes retratados. Iniciando um olhar comparativo entre estas obras, vamos ver que *O Cortiço* se inicia trazendo em suas primeiras páginas a descrição de uma personagem muito marcante no romance que é "Bertoleza", dando suas características como mulher daquele recinto:

> [...] Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora. [...] Bertoleza também trabalha forte, de manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil reis por mês e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a sua alforria. [...]. (AZEVEDO 1979, p. 13).

Alforria nunca conquistada, pois o destino apenas lhe dava sofrimentos e crueldades. Tudo que a personagem desejava era a liberdade. Dialogando com a apresentação da personagem "Bertoleza" no inicio do romance *O Cortiço*, com a narradora personagem do diário *Quarto de Despejo*, analiticamente vemos que ambas desejavam a mesma coisa, pois a Carolina de Jesus queria ser liberta da pobreza e da vida que levava, como cita em seu diário do dia 15 de junho de 1955: "[...] atualmente somos escravos do custo de vida [...]" JESUS (1960, p. 9)

Cada uma das personagens buscava de forma singular, a liberdade de poder viver em paz uma vida digna, consigo e com os outros, claro cada uma, ao seu modo. Duas personagens negras, uma na ficção, e outra na realidade, duas mulheres que não se destacam por suas cores, mas pela força e persistência de suas tarefas, que para os brancos nada tinha de valor. Vieira (1959, p. 146) Cita que:

> A grande distinção que fazem entre si e os escravos os que se chamam senhores, é [...] a cor preta. Mas se a cor preta pusera pleito à branca é certo que não havia de ser tão fácil de averiguar as preferências entre as cores, como a que se vê entre os homens. Entre os homens dominarem os brancos aos pretos é força e não razão ou natureza.

Nas páginas do diário de *Carolina,* observamos que a autora sempre destaca os nomes dos filhos, e já que estamos analisando os diálogos entre as duas obras não poderíamos deixar de citar o nome de um de seus filhos "João", como podemos ler na página 27 a seguinte passagem [...]-Eu já mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida... [...]

Na obra de Azevedo*,* encontramos também um personagem fictício que tem grande participação no romance e na própria origem do cortiço, que é "João Romão" como podemos observar em várias passagens do livro; [...] João Romão foi dos treze aos vinte anos, empregado de um vendeiro, que enriqueceu entre as quatro paredes [...] (Azevedo, 1979, p. 13). [...] João Romão não saia nunca a passeio. Nem ia à missa aos domingos... [...] (Azevedo, 1979, p.15).

Ao contrário do "João" da realidade em *Quarto de Despejo*, o "João" dono da venda e do cortiço, personagem fictício, torna-se muito rico com seus negócios, muitos deles, lucrados

e almejados por espertezas e falcatruas, dentro de sua venda, e com o dinheiro da pedreira que lhe rendia muitos contos de reis.

O que mais vamos encontrar nas duas obras são passagens relatando a embriaguez alcoólica, a descrição de algumas comidas e bebidas daqueles lugares. Enquanto alguns personagens se deleitavam em farturas, outros não tinham nem água para beber, e alguns viviam ao seu modo com o pouco que conseguiam como cita o narrador de *O Cortiço*:

> [...] E toda a gentalha daquelas redondezas ia cair lá, ou então ali ao lado, na casa de pasto, onde os operários das fábricas e os trabalhadores da pedreira se reuniam depois do serviço e ficavam bebendo e conversando a noite toda, entre os fumos dos cachimbos, do peixe frito em azeite e dos lampiões de querosene... [...] (AZEVEDO, 1979, p. 21)

Por outro lado vamos encontrar no *Quarto de Despejo* inúmeras descrições de momentos, em que pessoas se embriagavam na favela. Vendo alguns relatos temos: [...] O Benedito estava alcoolizado e não podia parar em pé... [...] (pag.8), [...] não vejo ninguém bêbado. Talvez seja por respeito à extinta. Mas duvido. Acho que é porque não tem dinheiro... [...] (pag. 29), [...] o único perfume que exala na favela é lama podre, os excrementos e pinga... [...] (pag.42), [...] a mãe do paredão tinha morrido. Ela era muito boa. Só que bebia muito... [...] (pag.63).

Talvez a descrição dos momentos com álcool, seja para dar mais vivacidade ao enredo, para que o leitor busque se aproximar dos momentos narrados tanto nas cenas fictícias como no diário da realidade. Como uma espécie de fuga dos personagens daqueles momentos sofridos, transformando a cachaça em momentos de diversão, um tipo de anestesia da realidade.

Tanto os moradores do cortiço de Romão, e da favela descrita por Carolina, moradores e vizinhos não gostavam e não aceitavam residir em tal espaço ou próximo dele, nesse sentido, algumas passagens vão dialogar, mostrando a revolta por ocupar um espaço ali, seja por necessidade ou obrigatoriedade.

> O Miranda rebentava de raiva, - um cortiço! Exclamava ele, possesso. Um cortiço! Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço debaixo das minhas janelas!... Estragou-me a casa, o malvado!... [...]. (AZEVEDO, 1979, p. 21)

Nessa passagem vemos as exclamações do rico “Miranda”, que por motivos de ambição morava próximo ao cortiço, mas com todo dinheiro que tinha, podia a qualquer hora ir para

outro lugar. Já no quarto de despejo, ”favela citada pela autora” Carolina em muitas passagens se lamenta, tanto do lugar, como dos moradores que os tinham como vizinhos.

> “[...] eu quero escrever um livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornecem os argumentos...”, (JESUS, 1960, p. 17). “[...] estava na calçada escrevendo, passou um homem e perguntou-me; - o que escreve? - todas as lembranças que pratica os favelados, estes projetos de gente... [...]” (JESUS, 1960, p. 20). [...] a única coisa que não existe na favela é solidariedade... [...] (JESUS, 1960, p.13).

A protagonista do romance, ao contrário do “Miranda” não tem escolha, pois está condenada a viver na favela até que um dia a sorte mude seu destino, uma vez que seu maior desejo era se mudar para bem longe daquele lugar.

Na literatura brasileira, é bem comum alguns traços como esses vistos anteriormente, em personagens que se destacam, mesmo com um pensamento preconceituoso da realidade social, uma vez que uma sociedade é composta de todos os tipos de pessoas, e cada qual com seus valores morais e sociais.

> A inteligência tomou finalmente consciência da presença das massas como elemento construtivo da sociedade, isto, não apenas pelo desenvolvimento de sugestões de ordem sociológica, folclórica, literária, mas, sobretudo porque as novas condições da vida política e econômica propunham cada vez mais o advento das camadas populares. (CÂNDIDO, 1967, p. 141)

Outro traço peculiar que vamos encontrar nas duas obras analisadas, é a animalização das personagens, ou como chamavam os escritores naturalistas de “Zoomorfização”. Um traço muito aparente na obra “*O Cortiço*”, que é uma característica da obra naturalista do século XIX, como afirma Azevedo (2009), que “*O Cortiço* abusa de suas figuras; personificação e zoomorfismo, o meio operando sobre o indivíduo, as pessoas sendo comparadas aos animais”. O homem não passa de um animal cujo destino é determinado pelo meio social em que vive e pela hereditariedade. Nessa visão, roubam-lhe o livre arbítrio, deixando-o à mercê de forças que estão além de seu controle.

Nessas obras, vamos observar o fatalismo das forças sociais e naturais atuando pesadamente sobre o homem. Natureza, ambiente social, educação, taras, instintos que geram conflitos dramáticos, situações anormais, casos que chocam até os próprios moradores ou personagens que ali se constituem.

Na obra "*Quarto de Despejo*" a autora abusa de termos que zoomorfizam as personagens que ali residem, traço esse, que revela na obra citada seu diálogo com a obra naturalista de Azevedo, como vemos nestas passagens:

> "[...] as línguas das mulheres da favela é como os pés de galinha tudo espalha... [...]" (JESUS, 1960, p.21)
> "[...] sou como as aves que cantam ao amanhecer... [...]" (JESUS, 1960, p.23)"[...] os favelados são os gatos que comem e espiam os passarinhos na gaiola... [...]" (JESUS, 1960, p.30)"[...] ontem li aquela fábula da rã e a vaca. Tenho a impressão que sou a rã, queria crescer até ficar do tamanho da vaca. [...]" (JESUS, 1960, p.115)
> "[...] estavam furiosos os favelados igual a cães quando alguém lhes retira a cadela... [...]" (JESUS, 1960, p. 57)"[...] os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos... [...]" (JESUS, 1960, p. 37)

No que se refere às cenas descritas, vamos observar uma intertextualidade, principalmente quando observamos a citação da fábula. Isso nos faz salientar que a autora era uma leitora de vários textos. Carolina, de maneira simples vem trazer para o seu diário uma das características do Naturalismo, bem marcante, pois com isso, ela resgata a zoomorfização operante nos romances do século XIX. Na obra *O Cortiço,* temos uma cena muito marcante que o narrador vem a dar característica animal a duas de suas personagens Rita Baiana e Firmo:

> [...] eu vi a Rita Baiana feita toda de pecado de serpente e muito de mulher... [...]. (Azevedo, 1979, p. 26). [...] Firmo, o atual amante de Rita Baiana, era um mulato pachala, delgado de corpo ágil como um cabrito. [...] (AZEVEDO, 1979, p. 53) Mas, ninguém como a Rita; só ela, só, aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; [...] ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viçosa, a muriçoca doida... [...]. (AZEVEDO, 1979, p. 63).

Além dessas características típicas do universo Naturalista, nas duas obras, vamos encontrar também em ambas, outra característica bem peculiar, que é a influência do meio sobre as pessoas, modificando os comportamentos das personagens, pois para os naturalistas o homem era guiado pelas leis físicas e pela hereditariedade, contribuindo muito para desabrochar suas patologias, como ressalta Cândido (1967, p. 120) "O naturalismo traz um vigoroso impulso de análise da realidade social." Tendo essa teoria grande influência do determinismo darwiniano, atingindo também as palavras comoventes da escritora "catadora de papel" Carolina de Jesus, que traz em suas páginas, até certo ponto, o resgate das características do Naturalismo. "[...] O tenente disse que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas têm mais possibilidades de delinguir do que tornar-se útil à pátria e ao país... [...]". (JESUS, 1960, p. 26). "Às vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No

início são educados, amáveis. Dias depois usam o calão, são repugnantes. São diamantes que se transformam em chumbos". (JESUS, 1960, p. 34)

Já no cortiço de Azevedo, vamos encontrar em uma de suas personagens o "Jerônimo", português trabalhador e dedicado à família, a experiência viva da influência do meio, pois ao longo do romance se transforma e deixa a esposa para viver com a Rita Baiana, ao pisar no cortiço a personagem se deixa levar pela influência desse ambiente, despindo-se de sua verdadeira personalidade.

Numa análise mais idealizada e profunda, vamos encontrar um diálogo esquemático nas duas obras, pois, comparando-as podemos avaliar outros pontos semelhantes como; as ocupações regidas por determinados personagens que se assemelham "lavadeiras de roupas", "catadores". As brigas que são constantes em ambas as obras, tanto os personagens fictícios como os reais vivem em pleno conflito. As críticas constantes aos políticos de ambas as épocas são distintamente citadas, o preconceito ao negro, como também os comportamentos internos das personagens dentro da própria favela como as "fofocas" que aparecem muito nas duas obras, e as leis que regem as duas aglomerações de famílias que dialogam sempre como se fossem o mesmo universo só que descrito em épocas diferentes.

5. Considerações finais

A análise aqui realizada permitiu compreender o diálogo existente entre as obras *Quarto de Despejo* e *O Cortiço*, abrangendo alguns aspectos que se entrelaçam nas páginas das duas narrativas, ambas, voltadas para o universo social de determinadas épocas, servindo de crítica ao modelo social que se apresentava no final do século XIX, verdadeiro declínio do imperialismo e advento do Naturalismo, como escola literária, e outra escrita na década de cinquenta ou "Época de Ouro no Brasil".

O primeiro passo do trabalho foi identificar algumas características que podem ser consideradas relevantes, na construção dos diálogos que se assemelham nas duas obras.

O presente trabalho buscou também comparar algumas personagens e suas identificações e divergências, observadas de um ângulo diferenciado, procurando traçar algo comum, tanto no desenvolvimento dos personagens, como mostrando a degradação do individuo, acentuando suas patologias, por fazer parte de um meio operante e degadante.

Paralelamente, os dois romances foram analisados, cada um, obedecendo as suas épocas, que segundo as descrições dos ambientes não estão distante da época atual, relatando acontecimentos que até hoje perduram e se concretizam como nas épocas citadas pelos autores Azevedo e Carolina de Jesus. Logicamente, por sabermos que uma obra é parte de um mundo ficcional retratando uma realidade, e outra desvenda a realidade com suas desgraças e contradições sociais e a luta pela sobrevivência diária.

Dois mundos que se assemelham pelas personagens e pelos acontecimentos narrados. O universo ficcional de Azevedo contado de forma artística e natural, um retrato sujo do homem com suas patologias, e outro escrito em forma de diário, contado por quem foi a protagonista do enredo, Carolina de Jesus, narrado de maneira rebuscada, obedecendo a linguagem da verdade e da desilusão, de um mundo sem esperanças.

Diante do que foi exposto, podemos perceber que as abordagens a respeito do diálogo existente entre as duas obras pairam além do universo ficcional, transpassado para o real, em diferentes manifestações da nossa literatura. Comparar duas ou mais obras nos focaliza no universo literário e nas perspectivas de cada autor, em atingir todo o seu público leitor, uma vez que, a literatura busca preencher diversas lacunas existentes no pensamento humano, servindo principalmente como objeto de comunicação social e de interação entre dois mundos que se entrelaçam o real e o ficcional.

Comparar dois universos artísticos, sejam no diálogo de semelhanças ou de divergências, traz para o pesquisador novas perspectivas tanto para seu conhecimento literário, como para a busca do seu aperfeiçoamento na esfera de ensino e comunicação na instituição escolar e na vida como leitor, fazendo-o tornar-se um leitor crítico, na abrangência do seu olhar como degustador do universo da leitura, tanto da transposição do mundo ficcional dos autores, como da veracidade do real.

Referências Bibliográficas

ABAURRE, Maria Luiza M. **Português, Contexto, Interlocução e Sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

AZEVEDO, Aluisio. **O Cortiço**. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1979.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade:** Estudos de Teoria e História Literária. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1967.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura brasileira.** São Paulo: Atual, 1995.

JEAN M. FRANÇA, Carvalho. **Imagem do negro na literatura brasileira**. 2ª edição- São Paulo: Brasiliense, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: Diário de uma favelada. 6ª edição. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

OLINTO, Antônio. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

PELLEGRINI, Tânia. **Literatura cinema e televisão**. São Paulo: 2003.

SANT'ANNA, Afonso Romano. **Paródia paráfrase e CIA**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

SOUZA, Eneida Maria de. MIRANDA, Wander Melo. **Perspectiva da literatura comparada no Brasil**. Editores S/A, 1997.

VIEIRA, Antônio. **Obras completas**. Porto: Lello e Irmão, 1959. Sermão vigéssimo do Rosário.